



## Resenha

# Sagrado, secularização e dessacralização da vida

## The sacred, secularization and the desecration of life

**Franco Bosio**  
Università di Verona  
Itália

Ales Bello, A. (2014) *Il senso del sacro: dall'arcaicità alla desacralizzazione*. Roma: Castelvecchi.

No pensamento moderno<sup>1</sup>, o interesse pelo mundo dos “primitivos”, por suas crenças religiosas, ritos e cultos é certamente notável e muito mais amplo do que no passado. A consciência do distante tem animado profundamente toda a pesquisa etnológica e etnográfica do século XIX e ainda mais a do século XX. Todavia, esse interesse se viciou por várias insuficiências: antes de tudo, pela ótica predominantemente de caráter evolucionista própria do pensamento positivista; também por uma psicologização – às vezes com retaguarda sociológica (por exemplo, com Émile Durkheim) – que bloqueia qualquer compreensão desde o interior do fenômeno religioso. E sabe-se muito bem que a vida religiosa é tudo para o homem “primitivo”; melhor seria chamá-lo de “arcaico”, por viverem na consciência e na presença viva – “em carne e osso” – dos *archai* que se manifestam na vida cotidiana, e desde os primórdios. Nunca houve, na vida das populações “arcaicas”, uma clara e precisa distinção entre presença do sagrado e vida social e comunitária “profana”. Mesmo as atividades mais simples, como a construção de barcos ou a formação de uma aldeia de cabanas, constituíram momentos de caráter ritual e cultural.

A pesquisa etnológica e etnográfica nos permitiu conhecer um riquíssimo conjunto de conhecimentos, mas não produziu avanço algum na compreensão das religiões arcaicas. Somente a filosofia fenomenológica preencheu a lacuna, opondo-se vigorosamente – e com sucesso – a toda perspectiva de psicologismo e evolucionismo sobre a formação e devir do mundo da religião. É fundamental, a esse respeito, o livro de Rudolph Otto intitulado “O sagrado”, de 1917, que sugeriu a Edmundo Husserl pontos de reflexão muito importantes para a filosofia da religião<sup>2</sup>. Segundo Otto, o sagrado é objeto de uma experiência primária e

<sup>1</sup> Tradução de Miguel Mahfoud do original inédito em italiano.

<sup>2</sup> Husserl acolheu calorosamente o livro de Otto, sem que isso lhe impedisse de expressar a reserva por “não ultrapassar o estágio da simples descrição e da análise do fenômeno”. Esse juízo foi retomado em outra sua observação em 1918, comunicada por Schuhmann: o trabalho de Otto “contém muitos pensamento estimulantes”, mas “não vai além do reino da descrição”. Falta a Otto a distinção entre “fatorialidade” e “eidos”, ou seja, a “visão essencial” (Ryba, 1994, pp. 32-34; Bosio, 2002, p. 617).



originária, não-derivável de qualquer gênese psicológica. A filosofia que dá base à antropologia e à etnologia dos séculos passados nasce de preconceitos claramente evolucionistas, historicistas e progressistas da presumida superioridade do homem ocidental, que seria o único à altura de entender plenamente a mentalidade religiosa dos chamados “primitivos”. Naquela ideologia, o homem ocidental, livre, racional e “democrático” é elevado a homem completamente emancipado de qualquer subserviência ao “divino” que caracterizaria o “religioso”. Na verdade, não se deve pensar que a redescoberta e a reavaliação do “sagrado” não tolha algo das conquistas irrenunciáveis da modernidade. Chegam a liberá-las de seus limites, fazendo emergir uma nova luz para a possibilidade de experiências e conhecimentos que – infelizmente – nossa época demonstra ter perdido.

O livro “*Il senso del sacro*” de Angela Ales Bello (2014) acrescenta algo novo e original às hodiernas perspectivas da fenomenologia da religião. A autora parte da correlação teorizada por Husserl no primeiro volume de *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, de 1913 – isto é, da correlação entre *morphé* intencional e *hyle* sensorial (*sensuelle*). O ato intencional é *noético*. É espontânea atualidade ao dirigir-se da consciência ao objeto. No “objeto”, porém, é também dada uma “matéria”, vale dizer, um momento do ato que consiste na presença *hic et nunc* do objeto mesmo com todas as particularidades que se dão somente a uma consciência individual, na sua atualidade individuante. Husserl prefere falar em *hyle* do que em “matéria” devido às excessivas conotações fisicalistas pelas quais o termo “matéria” está afetado, com os consequentes preconceitos que daí possam derivar. A *hyle*, ao invés, é materialidade vivente e por isso a palavra – proveniente do grego antigo (em latim seria *silva*: algo próximo a lenha dos bosques e florestas) – dá mais a ideia de algo que se libera das crostas que se depositaram pelo materialismo fisicalista da ciência moderna. A *hyle* é o reino da passividade da afeição. É o lugar-fonte das associações e das solicitações espontâneas e muitas vezes inconscientes que reúnem – em um estado de fundo fusional – dados de sentido provenientes de diversos domínios sensoriais, como acontece, por exemplo, nas “sinestesias”, através das quais advertimos uma proximidade entre o som desagradável e o gosto amargo de alguma bebida ou comida, ou então entre um leve sopro de vento entre os ramos e folhas das árvores e a doçura de um fruto. A *hyle* remete ao senso vivido da corporeidade própria, do seu agir e do seu sentir, e esta corporeidade é bem mais que o mero corpo físico (*Körper*), porque é *Leib* vivente (cf. Ales Bello, 2014, pp. 29-31).

Notemos que uma distinção entre *morphé* e *hyle* aparece também em Scheler (*Idealismus-Realismus*, de 1927), distinguindo o momento da “idealidade” do objeto que se conhece (*So-sein*) de seu ser real *hic et nunc*, que ele chama de *Da-sein*. Diga-se de passagem, também, que Eduard von Hartmann na sua obra prima de 1896, a *Philosophie des Unbewussten* ou “Filosofia do inconsciente”, traçara uma distinção análoga entre o momento do *Was* (o “que coisa é” do objeto) e o *Dass* (o que é).

O mundo da religião é certamente o que mais está próximo do *Leib*, é o mais atravessado pelo sentimento vívido e pela solicitação da *hyle*. A base da vida da consciência



religiosa é o “sagrado”. E vimos como o “Sagrado” consiste primariamente na solicitação profunda e originária da “potência”, do “numinoso”, que segundo R. Otto, associando-se à sua *maiestas*, à sua magnitude inalterada e sublime, apresenta-se como o *tremendum* e ao mesmo tempo *fascinans*. O sagrado atrai e repugna, aproxima e distancia. E não podemos esquecer que G.-B. Vico em sua obra “Ciência Nova” intuitivamente afirmara que os povos arcaicos adverte com ânimo perturbado e comovido os sinais e pegadas do suprassensível.

### Referências

- Ales Bello, A. (2014). *Il senso del sacro: dall'arcaicità alla desacralizzazione*. Roma: Castelvecchi.
- Bosio, F. (2002). The phenomenology of religion. Em A.-T. Tymieniecka (Org.). *Phenomenology world-wide: foundation, expanding dynamics, life engagement* (pp. 616 - 621). Dordrecht, Holanda: Kluwer.
- Ryba, T. (1994). *The idea of the sacred in twentieth century thought: four views (Otto, Scheler, Nygren, Tymieniecka)*. (Analecta Husserliana, Vol. XLIII). Dordrecht, Holanda: Kluwer.

### Nota sobre o autor

*Franco Bosio* é professor emérito de História da Filosofia na Faculdade de Letras e Filosofia da *Università degli Studi di Verona*, Itália. Anteriormente foi professor também na *Università di Perugia* e na *Università degli Studi di Bari*. É tradutor e editor de livros de Max Scheler e Henri Bergson e autor de numerosos ensaios publicados em prestigiosas revistas internacionais. Proferiu conferências em universidades de Salamanca, Bruxelas, Colônia, Jena e Paris. *Contato*: Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università degli Studi di Verona, Via San Francesco, 22, Verona (37129), Itália. E-mail: gfbosio@yahoo.it

Data de recebimento: 21/12/2015

Data de aceite: 09/01/2015